



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

Campus Planaltina

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

A importância das plantas medicinais na comunidade rural de Montes
Claros, na Chapada dos Veadeiros - Água Fria de Goiás/GO

Adrielly Damacena de Salles

Planaltina - DF

2025

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

Campus Planaltina

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

A importância das plantas medicinais na comunidade rural de Montes Claros, na Chapada dos Veadeiros - Água Fria de Goiás/GO

Adrielly Damacena de Salles

Trabalho de Conclusão de Curso segundo a metodologia Relato de Experiência apresentado ao Instituto Federal de Brasília – campus de Planaltina, para obtenção do título de Tecnóloga em Agroecologia, sob a orientação da Professora Dra. Paula Petracco

Planaltina - DF

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de TCC aos meus familiares por ouvir falar, incentivar e até mesmo me apoiar, com o cuidado e compreensão e também aos autores. Por me deixar utilizar os livros para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

SALLES, Adrielly Damacena de. ¹

IFB/Planaltina, adrielly.salles@estudante.ifb.edu.br, Petracco, Paula ² IFB/Planaltina,
paula.petracco@ifb.edu.br

RESUMO: Esse relato de experiência se insere no tema das plantas medicinais a partir dos conhecimentos agroecológicos, onde buscou-se entender, por meio da vivência e coleta de entrevistas, como uma comunidade rural do interior de Goiás, na atualidade, conserva e cuida da sabedoria ancestral e popular. Partiu-se dos seguintes objetivos principais: catalogação de plantas medicinais utilizadas no cotidiano para combater doenças, e reflexão sobre a importância da prática secular da medicina tradicional, em que buscou-se aprofundar a discussão sobre as propriedades curativas e o uso farmacêutico proveniente das plantas extraídas do Cerrado ou cultivadas no quintal. Como lição, compreendemos os motivos pelos quais continuam usando a medicina caseira, a partir de um modelo tradicional, integrativo e solidário, resultado das formas de convivência dos povos mais antigos da região com a natureza, sem interferência radical no bioma, garantindo sua biodiversidade.

PALAVRAS-CHAVES: sabedoria ancestral; uso sustentável; Agroecologia, tradição oral.

¹ Discente do Curso de Tecnologia em Agroecologia, IFB - *Campus Planaltina*

² Docente, Biologia, Doutora em Ecologia e Recursos Naturais, IFB - *Campus Planaltina*

A importância das plantas medicinais na comunidade rural de Montes Claros, na Chapada dos Veadeiros - Água Fria de Goiás/GO

Contexto:

A comunidade rural de Montes Claros, em Água Fria de Goiás

O relato que ora apresentamos se insere no seguinte tema das plantas medicinais compreendidas como contribuição para o conhecimento agroecológico, dentro dos ensinamentos da Agroecologia. Busca-se entender, dentre outras questões, com o apoio da observação e da vivência, o seguinte panorama: como uma comunidade rural no interior de Goiás cuida da sabedoria ancestral e popular, mesmo hoje, na modernidade, com o desenvolvimento do progresso, da tecnologia de ponta e da urbanização desenfreada.

Buscou-se aprofundar a reflexão sobre a relação de moradores dessa comunidade, (especialmente aqueles que colhem os seus depoimentos), com o uso farmacêutico que fazem das plantas extraídas do Cerrado ou cultivadas no quintal, e também, aprofundar na compreensão das propriedades curativas dessa medicina caseira, a partir da escuta dos moradores da comunidade, que compartilharam conosco o saber sobre questões como: para que elas servem, bem como aquilo que beneficiam para o sentido da vida e como agem em prol da saúde de cada um. Procuramos saber, em termos potenciais, os motivos pelos quais continuam usando essas práticas de maneira integrada com a vida do dia a dia, conforme combatem as doenças que lhes atingem, tanto usufruindo da medicina urbana e científica, mas também, e frequentemente, apoiados no uso da medicina popular.

Ao que parece, nos laços sociais e culturais vivenciados por essa comunidade, o cultivo da medicina caseira faz parte de um elemento que é a sabedoria genealógica, pois nesta comunidade rural essa maneira de experiência cultural vem sendo distribuída numa transmissão familiar desde a chegada dos seus primeiros ancestrais que, de linhagem em linhagem, vão dialogando com os ensinamentos com as pessoas que integram e fazem parte da região.

O trabalho foi feito numa comunidade rural do município de Água Fria de Goiás, denominada por seus moradores Fazenda Montes Claros. O trabalho foi realizado a

partir de pesquisa metodológica baseada em entrevistas, com coleta de depoimento por meio de aparelho celular, através de perguntas abertas que deixassem os colaboradores discorrerem e desenvolver com tranquilidade suas vivências.

Assim, o seu desenvolvimento se integrou à disponibilidade dos moradores da região, em que essa pesquisa trouxe a percepção de debater como o território pode criar relação de redes de pertencimento entre comunidades rurais e seus moradores, estabelecendo um vínculo de contribuição no objetivo de relatar e abordar os fatos que explicam a importância comunitária, social, cultural e ambiental da utilização de plantas medicinais, tanto cultivadas em casa como as nativas oriundas do Cerrado.

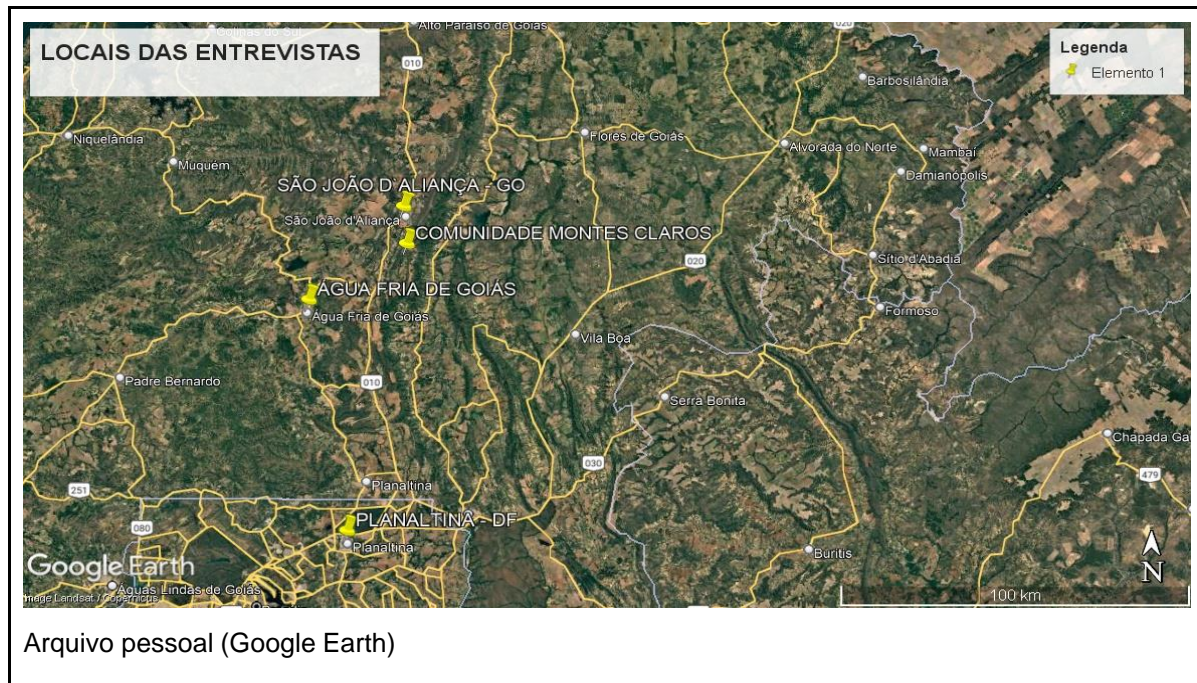
Como explicam Andrade e Bastos (2020), uma das compreensões em torno desse tema é o beneficiamento para a prática humana a partir da coletividade, especialmente como esse domínio de que se desenvolve a partir da insistência de laços estreitados com os indivíduos que fazem parte dessa sociedade, uma vez que “essa nova forma de se relacionar entevê em como os rurais se comunicam e se conectam uns aos outros, moldando não só as relações face a face, mas também as relações mediadas pela tecnologia” (2020, p. 2).

De fato, essa necessidade de conexão que se dá pelo enraizamento ao território não deve ser vista como um retrocesso nas formas de comunicação, interação e integração social. E embora a tecnologia e os avanços urbanos cada dia mais acabam invadindo os modos de existir na zona rural, por outro lado, o mapeamento dessas comunidades, em nosso caso, a partir do tema das plantas medicinais, podem revelar de fato modos sensíveis, positivos e sustentáveis de coexistir com o meio-ambiente.

Com o uso de métodos naturais que encontramos nos fazeres dos moradores entrevistados, fica claro que a comunidade rural de Montes Claros se relaciona por meio de um modelo tradicional com a solidariedade dos conhecimentos provindos das formas de convivência dos povos mais antigos da região com a natureza, e de fato, isso pode mostrar a importância das plantas medicinais do Cerrado, de maneira que essas pessoas não interferem radicalmente no bioma, garantindo sua biodiversidade. Ao mesmo tempo, o uso cuidadoso das plantas medicinais, com a retirada sob medida para as práticas farmacêuticas caseiras, bem como a utilização de cultivos domésticos, a partir de uma compreensão do ciclo natural do meio-ambiente, não apenas garante um modo solidário de convivência pacífica, como

veremos nas entrevistas, mas também representa uma alternativa de experiência associativa positiva entre homem e natureza, muito viável a partir dos saberes do conhecimento tradicional.

Imagem 1: Mapa contendo a localidade onde aconteceram as entrevistas



Estamos na comunidade rural de Montes Claros, que faz parte do município de Água Fria de Goiás, uma comunidade próxima da cidade de São João D' Aliança - GO, (em torno de 25 quilômetros de distância), município vizinho onde geralmente os habitantes desse núcleo comunitário realizam suas ações de subsistência, como principalmente compra de produtos alimentícios, resolução de questões bancárias, especialmente os aposentados, entre outros. Todavia, os moradores da comunidade estão político-administrativamente ligados à Água Fria, e embora a distância seja de mais de 60 quilômetros da zona urbana, onde funciona a administração local, de lá são amparados socialmente, em questões educacionais (como o transporte das crianças e adolescentes para uma escola na circunvizinhança); patrolamento das estradas de rodagem, auxílio esporádico com ações de saúde pública na comunidade, como consultas médicas e agentes de endemia, etc.

Água Fria de Goiás é um município muito recente; foi emancipado em 1987, tem, portanto, poucos anos de existência administrativa e municipalidade. Está localizado no nordeste goiano, na região hoje internacionalmente conhecida como

Chapada dos Veadeiros, mas outrora, no período colonial, denominada de Chapada dos Negros ou Serra dos Mocambos³, por comportar um corredor de quilombos. Por muito tempo foi uma região administrada com a dificuldade das políticas públicas, conhecida depreciativamente por um período histórico como “corredor da miséria”, que foi a indigência devido à distância de Goiânia - GO, capital do estado de Goiás, relegando seus problemas sociais a um olhar político distanciado. Como a cidade está localizada no entorno do Distrito Federal, essa característica promoveu nos últimos anos relações políticas mais próximas, devido à distância com a capital federal.

Nas últimas décadas, devido às alterações socioculturais, especialmente com o investimento no turismo, especificamente o turismo ecológico é uma modalidade de turismo rural que permite a comunicação entre visitantes e práticas agroecológicas, com o foco na sustentabilidade e na valorização da cultura local, onde busca oferecer experiências pedagógicas e os princípios básicos, sobre a produção agrícola sustentável permitindo a que os turistas conheçam de perto as bases e métodos da agroecologia, e detidamente o turismo agroecológico, é uma região que vem sendo bastante explorada cultural e comercialmente para atividades de lazer, descanso, aventuras, contemplação da paisagem natural e das culturas locais, como as folias, o artesanato, etc., conforme relata o inventário realizado pelo projeto *Mulheres das Águas: promovendo a integração e participação pelo ecoturismo do Cerrado*, que originou o livro de 2009, *São João D' Aliança e seus caminhos* (Barbosa; Martins, 2009) e mapeou as atividades ecoturísticas entre os municípios de Água Fria de Goiás e São João D' Aliança.

Como os colaboradores do projeto abordam a questão ao discernir sobre os “Povos do Cerrado”, “tais comunidades oferecem artesanatos, como tecidos feitos em tear; produtos alimentícios, como rapadura e farinha de mandioca; tradições de folias, rezas e catiras, além de um Cerrado belo e pouco conhecido” (Barbosa; Martins, 2009, p. 68).

Mesmo assim, a região sofre e muito com a investida do agronegócio, devido a região ser de uma área agropastoril de extensa dimensão de plantações de lavoura

³ Segundo o historiador Martiniano José da Silva a área geográfica que circunda a Serra Geral do Paranã, entre o município de Formosa (antigo Arrial de Couros) e o município de Arraias no atual estado de Tocantins, foi conhecido nos séculos coloniais de “Chapada dos Negros” ou “Serra do Mocambo” (1998, p. 383), por comportar uma quantidade de quilombos, como do Fortes em São João D' Aliança, os Kalungas em Cavalcante, entre outros, ao longo desse corredor de serranias.

de soja, entre outras monoculturas, em decorrência da chegada dos gaúchos, por exemplo, entre as décadas de 1970/80 do século passado. Como o inventário destacou naquele período: “muitas vezes essas comunidades resistem à pressão dos latifundiários, que desejam, a todo custo, comprar ou arrendar suas terras” (Barbosa; Martins et al., 2009, p. 68).

Apesar disso, existe uma grande extensão territorial ainda de terra virgem que são matas densas, tendo como exemplo, a comunidade rural de Montes Claros, ainda com muitas extensões de matas com paisagem natural, relevos acidentados, morros e serras com vegetação original, onde este trabalho foi realizado, com o foco na medicina rústica e nos saberes ancestrais.

Ao redor dessa comunidade coexistem outras comunidades rurais que também comungam de relação integrada com a tradição. No inventário, há um poema do poeta joanino Kiko di Faria, intitulado *As quatro joias*, em que inclui quatro comunidades rurais circunvizinhas entre si, entre elas Montes Claros: “Pontizinha, Montes Claros, Rola Pedra, João Paulo.../Simplesmente ler e ver não basta pra saber/É preciso conhecer... pisar, tocar, partilhar” (Barbosa; Martins, 2009, p. 69). O inventário explica que essas comunidades são tradicionais “porque dependem do meio natural para a sua subsistência e vivem de modo integrado e sustentável com a natureza” e, além disso, como algo que as singulariza: “tais comunidades detêm conhecimento da biodiversidade do Cerrado e dele se alimentam, fazem seus remédios e suas artes” (Barbosa; Martins, 2009, p. 68).

Destacamos aqui a comunidade rural de Montes Claros, com a qual mantenho pertencimento e intimidade, onde “a religiosidade e o modo de vida cooperativo e solidário são difundidos para os seus descendentes” (Barbosa; Martins, 2009, p. 68). É o caso da medicina tradicional, conduzida de maneira artesanal ainda hoje, e que para os seus habitantes é uma forma de lidar com solidariedade contra os contratempos de doenças e dissabores da vida, na integração cooperativa de uma experiência saudável e mais próxima do Cerrado, tirando apenas o suficiente da natureza.

Segundo relatos dos mais antigos da região e adjacências, a comunidade rural de Montes Claros surgiu com a chegada de um polonês de nome Antonio Rebendoleng Szervinsk entre os anos de 1830 a 1850. Na dissertação de mestrado, *Tessitura memórias, a saga do polonês Antonio Rebendoleng Szervinsk [des]fiada*

no tear do imaginário, o pesquisador Jucelino de Sales (Sales, 2014) aborda os mitos, histórias e narrativas orais em torno desse personagem histórico que segundo fontes históricas foi o primeiro imigrante europeu a se assentar na antiga Província de Goyaz, e relata a relação geográfica entre a extensão territorial em que se assentou e o local que ficou conhecido como Montes Claros.

Esse polonês, que recebeu uma carta de sesmaria do Imperador D. Pedro I, para quem trabalhou no exército imperial⁴, assentou terra nesta região, chamou a grande gleba que ganhou em sesmaria de *Fazenda Polônia* e a partir daí estabeleceu assentamentos que, por sucessivos casamentos de seus filhos, originou diversos núcleos familiares, especialmente de três troncos principais: Aquiles, Heitor (filhos varões⁵“são filhos do sexo masculino, que podem receber as heranças, e é pessoas de hereditariedade da linhagem, onde antigamente referia aos homens, adquiria o legado da herança.”) e Agripina. Cada um deixou grande prole em descendência, conforme atesta o mapeamento genealógico realizado por Jucelino de Sales, como complemento da dissertação. Um dos moradores da comunidade rural ainda vivo, João Luis da Silva, descendente do polonês entrevistado na dissertação, reporta à região, em depoimento: “Polônia. Inclusive, dividiu daqui da Serra Geral, que é Montes Claros para cá, Polônia para lá. Diz que essa comarca, diz que foi ele que fez” (Sales, 2014, p. 57).

Subtende-se que Montes Claros fazia divisa com a antiga Fazenda Polônia. Nessa direção, também comenta-se (e é um relato exposto por Eva Damascena de Salles, uma das colaboradoras dessa pesquisa que entrevistamos), que chegou nesta região um clã dos Salles Monteiro, dois irmãos, Manoel Malaquias e José, vindos ao que parece fugidos de Minas Gerais, em que, segundo relatos lendários, haviam roubado ouro de uma diligência, e estabeleceram assentamento na localidade, a nomeando de Montes Claros (Sales, 2014, p. 61). De casamentos entre esse clã e a

⁴ Em suas investigações mais recentes, Jucelino de Sales descobriu novas evidências históricas, provenientes de arquivos documentais, surgidas nos cinco últimos anos, dentre eles, um almanaque datado de 1826, o *Almanach do Rio de Janeiro para o anno de 1826*, o qual trata de ocupações e cargos do exército à época, e cita entre os alferes que integram o regimento da segunda brigada de infantaria o nome de “Antonio de Szerwinsky, actualmente no Depozito” (Almanach, 1826, p. 216).

⁵ varão vem da palavra varonil e faz referência aos filhos nascidos homens, que na época era costume receber de herança o direito às terras do pai, sendo que para as filhas mulheres se arranjavam casamentos, de maneira que o esposo se tornava o responsável pela sua manutenção.

linhagem dos Szervinsk, com o cruzamento de suas famílias, originou a maior parte dos descendentes.

Kiko di Faria (2009, p. 32), no longo poema épico *Vozes do Cerrado*, em que narra o mistério povoado pela lenda em torno do polonês, aborda diversos laços familiares e numa das estrofes se refere à origem genealógica do local: “Os descendentes de Aquiles/Que muita terra herdaram/Montaram as suas sedes/Onde então se instalaram/Joana e Pedro Alcides/No pedaço que herdaram/Fizeram as suas sedes/Montes Claros a chamaram”.

A comunidade rural acima histórico-geograficamente descrita trata da localidade em que essa pesquisa foi desenvolvida, a partir de um trabalho que envolveu pesquisa de campo, vivência prática, experiência empírica, em torno da questão de fundo - o uso medicinal de plantas do Cerrado - por meio de entrevistas orais com o depoimento de cinco moradores na comunidade rural de Montes Claros.

O trabalho se realizou ao longo do ano de 2022, no período entre os meses de junho e dezembro, mas vale explicar que as entrevistas não foram realizadas de mês em mês. A comunidade Montes Claros vem de uma centralidade que usa as plantas medicinais ao longo da vida. A minha família faz parte desse povo, minha mãe costuma fazer chá todos os dias, assim como as pessoas da comunidade, além do chá faz também garrafadas para curar mazela, pessoalmente o conhecimento sobre as plantas medicinais ocorre em minha história familiar desde a infância com os ensinamentos da minha própria mãe, uma das entrevistadas nesse trabalho. A pesquisa propriamente começou no dia 05 de junho de 2022 e seguiu depois para o dia 22 dezembro de 2024, em que nessas ocasiões, a partir de diálogos, foram realizadas perguntas sobre o contexto das plantas medicinais, recolhidas as respostas em um caderno de anotações e na memória do celular.

Uma das dificuldades se referiu ao deslocamento até a comunidade rural de Montes Claros, devido à distância de Planaltina - DF e, outra, diz respeito a não encontrarmos prontamente os moradores da região devido a numa ou noutra ocasião estarem em deslocamento de suas moradias para fazerem seus compromissos de necessidades básicas.

A reflexão em torno do material recolhido aconteceu entre os anos de 2023 e 2025, na medida em que avançava nos estudos sobre agroecologia. Na pesquisa, também foi observado que alguns moradores da comunidade rural recorrem à

medicina convencional com algum desprezo pelo conhecimento tradicional, o que demonstra certa dualidade, uma vez que a medicina popular é bem reconhecida e utilizada, pois aqueles que pudemos entrevistar garantem que esse conhecimento tradicional possui muita valia curando doenças, sendo muitas vezes a única alternativa quando em décadas passadas ali não chegava qualquer recurso.

A partir do referencial teórico e das abordagens que viemos estudando no curso de Agroecologia, os objetivos que delineamos para traçar a relação dessa experiência na prática foram:

1. Compreender como moradores da comunidade rural de Montes Claros lidam com a medicina tradicional;
2. Catalogar plantas medicinais que os habitantes da comunidade rural de Montes Claros utilizam no cotidiano contra doenças;
3. Refletir sobre a importância da prática secular da medicina tradicional;
4. Apontar como saberes tradicionais são fundamentais para o discurso agroecológico.

Escolhi esse tema porque no curso agroecológico fala muito das plantas medicinais. Ao observar algumas plantas que tem no Campus Planaltina-DF vi algumas que o povo da região de Montes Claros fazem o uso das mesmas para o combate de algumas doenças. Seria interessante tanto para a comunidade quanto para o curso de agroecologia.

Descrição da experiência:

Guardiões medicinais da comunidade rural de Montes Claros

Neste trabalho foram abordados conceitos de Agroecologia sobre o tema das plantas medicinais, que são noções relevantes e muito importantes para a nossa saúde. Visamos compreender de que forma os saberes tradicionais ou populares são conservados por nossos ancestrais, isto é, que estratégias elaboraram para resistir ao fenômeno da modernidade, com sua rápida transformação. Buscamos compreender de que maneira os recursos naturais vêm sendo transformados pela medicina tradicional, sua relação ou contradição com a alopatia ou homeopatia científica, bem como a qualidade do uso na preparação dos processos das infusões, no caso da medicina caseira.

Escolhemos para observação/intervenção as metodologias fornecidas pelo livro **Parque Colégio Agrícola de Brasília: uma abordagem transdisciplinar para o ensino, pesquisa e extensão**, publicado em 2022, e organizado pelas professoras Paula Petracco, Elisa Pereira Bruziguessi e Marina Neves Delgado, que traz uma abordagem sobre temas diversos, como fauna, flora, solo, recursos hídricos, etc., e fornece discussões sobre coletividade, equilíbrio ecológico, desenvolvimento sustentável, entre outros temas.

Em suas respectivas partes do livro tratam de temas relevantes como a vida animal, os ecossistemas do bioma, a superfície, os mananciais de corpos d'água, em um diálogo a partir de abordagem compreensível, em que desenvolve observações e conexões do parque com a população, ressaltando com prática as atividades de esporte, lazer e de educação ambiental, também discorrendo sobre as funções ecológicas e biológicas, as políticas de conservação e suas vantagens, no auxílio para organização de ações de proteção do bioma Cerrado.

No capítulo 5 do livro, intitulado *Composição florística de formações savânicas presentes no Parque Colégio Agrícola de Brasília e no seu entorno*, as autoras Viviane Evangelista, Marina Neves Delgado, Elisa P. Bruziguessi, Gabriel Ferreira Amado e Evilásia Angelo da Silva (Petracco; Bruziguessi; Delgado, 2022, p. 102), travam uma discussão sobre a importância dos processos de conhecimento sobre a flora do cerrado, que pode ser eficaz como auxílio de um conjunto de procedimentos de preservação em prol da estabilidade das vegetações, entre os quais, os processos de monitoramento e manejo, bem como ações ambientais que priorizem a gestão de Unidades de Conservação. Essa abordagem nos interessa, na medida em que os guardiões medicinais que entrevistamos, possuem naturalmente em suas práticas corriqueiras um senso comum de preservação, muito próximo da ideia de sustentabilidade agroecológica.

O livro acima citado abrange muitos tópicos que alinham método, prática e algumas discussões abordam com reflexão objetiva e clara os meios de catalogação. O capítulo em questão retrata o levantamento florístico das plantas medicinais do Cerrado, de modo que, a partir de seus apontamentos, procuramos realizar um levantamento parecido, catalogando as principais plantas medicinais com que os entrevistados desenvolvem a experiência da medicina caseira.

A leitura do capítulo foi muito proveitosa, pois o texto traz uma contextualização dos processos de catalogação, resultando em técnicas e estimativas, com o reconhecimento da distribuição das espécies vegetais em uma determinada localidade, no caso, as extensões de Cerrado que abrangem o IFB campus Planaltina.

Através de estudos como o descrito acima, é possível avaliar como as espécies interagem entre si, como são espalhados no espaço e como respondem a diferentes fatores ambientais, como é o caso das plantas medicinais do Cerrado. O aprendizado prático proporcionado, traz conhecimentos sobre o modo de organização ecológica das espécies vegetais, também o conhecimento científico de suas denominações, suas propriedades, efeitos e nutrientes, permitindo tanto a identificação, como também a quantificação de parâmetros que incidem sobre a importância das espécies.

Conhecimento significativo para nossa proposta que visou realizar a catalogação de plantas medicinais dentro de uma comunidade rural. Assim, para a identificação de algumas espécies no local de origem foi realizada observação, também a captação de imagem fotográfica e a descrição das propriedades medicinais, a partir dos depoimentos recolhidos. Conjunto de registro que inserimos neste relato de experiência, e que pode auxiliar em pesquisas futuras sobre as plantas medicinais do Cerrado no território investigado.

Ainda no mesmo capítulo há uma tabela (Evangelista et al., 2022, p. 105- 107), ilustrando a flora do Parque Colégio Agrícola de Brasília e entorno, com informações sobre “espécie”, “nome popular”, “família” e “hábito”, em que figuram na lista plantas medicinais do bioma. Foi possível perceber nesta ampla lista a ocorrência de algumas plantas também nativas das áreas de Cerrado da comunidade rural de Montes Claros no município de Água Fria - GO, que aparece na fala das pessoas entrevistadas, como por exemplo a referência entre as espécie assa-peixe, ao bureré, entre outras plantas. Isso demonstra que a área coberta pelo ecossistema Cerrado que é muito diversificada, contendo uma flora riquíssima.

Isso vai ao encontro ao artigo Caracterização da fauna e flora do bioma (2008, p. 285), em que os autores Aguiar e Nogueira comentam que o Cerrado é um ecossistema bastante velho e bem variado na flora e na fauna.

Os autores Andrade e Casali (1999) abordam que plantas medicinais são aquelas provenientes dos recursos naturais, portadoras de propriedades medicinais, tanto sendo aquelas extraídas diretamente do Cerrado, quanto aquelas cultivadas em casa. A quantidade para a manipulação provém de um conhecimento milenar exercitado por aqueles que manejam esse saber tradicional, onde o uso direto das propriedades naturais das plantas deriva da manipulação de raízes, cascas e folhas, e também da viabilidade da extração sustentável das plantas para serem distribuídas para uma população rural, urbana e entre outras.

O melhor período para colheita de plantas medicinais é na época da seca, pois o ambiente se torna mais propício para a secagem de folhas e raízes, e assim obter uma melhor qualidade no seu uso, essencial para a vida das pessoas que venham utilizar o seu benefício curativo (Andrade e Casali,1999).

Os autores referidos também dialogam sobre o manuseio de plantas medicinais de cultivo caseiro, e num relato bem detalhado abordam o modo de preparo, apresentando as várias formas de fazer o processo, como a infusão, a decocção, ou maceração, assim determinando procedimentos de utilização das plantas do cerrado.

A medicina tradicional é importante para quem faz uso dela, uma vez que promove sustentabilidade e harmonia com o meio natural. A medicina baseada em saberes tradicionais revela a habilidade das pessoas que convivem na zona rural com o cerrado. Isso traz benefícios e vantagens para a saúde dessas pessoas, com impacto na construção de suas identidades.

Com isso, se estabelece um pertencimento identitário a partir das práticas dos conhecimentos populares sobre o uso das plantas medicinais, gerando autonomia comunitária por meio da integração com as espécies naturais. Assim, é importante discutir questões como: onde está a origem dessas plantas; como são selecionadas pelas pessoas que fazem o uso delas; como se conhece suas propriedades medicinais; e como esse conhecimento é transmitido de geração para geração?

Com o objetivo geral de observar como é feito o uso delas por pessoas que as utilizam no cotidiano para lidar com suas mazelas ou enfermidades, ou que estão fazendo tratamento contínuo, ou fazendo uso em determinadas dietas em prol da saúde corporal e/ou espiritual, e assim interpretarmos as características de cada uma das plantas do Cerrado que nos foram apresentadas, realizamos incursões de vivência e entrevistas práticas com moradores da comunidade rural de Montes Claros,

localizada há aproximadamente cento e cinquenta quilômetros de Planaltina - DF. Fomos em busca de compreender as propriedades típicas das partes vegetais com que os moradores nos revelaram suas naturezas, e os significados dessa relação agroecológica com as plantas medicinais, isto é, como possuem uma boa compreensão e se servem de cada espécie com qualidade, comedimento e adequação, e com uma consciência ecológica de preservação sem mutilar a paisagem.

A partir de um relato que intencionamos o mais didático possível, foi feita a apresentação das cinco pessoas entrevistadas que moram ou já moraram na comunidade rural, isto é, que possuem vínculos afetivos com essa localidade, e que se dispuseram a nos receber em seus sítios e/ou chácaras para bons momentos de conversa sobre o tema do uso clínico das plantas medicinais. O diálogo foi atravessado por questões como: de que maneira, em que circunstâncias e com quem aprenderam essas práticas, que diz respeito ao manejo com as plantas medicinais, em que a tradição viva nos ensina que se trata de conhecimento antigo repassado de geração para geração. Também procuramos saber sobre o uso dessa sabedoria secular no cotidiano, seus efeitos, suas benfeitorias.

Colaboradora 1

Na primeira incursão, conduzimos à casa da primeira entrevistada que será identificada neste trabalho como Colaboradora 1⁶, a quem devo muito a minha relação com a terra e o Cerrado, pois trata-se de minha mãe que desde mim pequena percorria o Cerrado para a colheita de flores e folhas de plantas, também tirava raízes para fazer remédio para cura de algumas doenças como: gripe, resfriados e outros. Por isso trago meus conhecimentos através da minha mãe que faz uso das plantas da região, cresci vivenciando essas práticas sobre as plantas medicinais.

No local, ela estava com os seguintes trajes: chapéu, calça, blusa preta e um sapato fechado. A moradia, um casebre antigo, está localizada na comunidade rural de Montes Claros, numa faixa de terra em que o córrego Montes Claros passa ao fundo. É uma propriedade em que retorna esporadicamente, porque a mesma reside

⁶ Neste trabalho faremos uso de nome fictício para nos referirmos aos colaboradores da pesquisa, de acordo com o documento Termo de consentimento livre e esclarecido, em que no tópico *Privacidade* informa que será mantido em sigilo qualquer dado de identificação no corpo principal do trabalho.

hoje no Distrito Federal, numa chácara, em Planaltina - DF, onde, inclusive, continua com suas práticas de medicina caseira. É uma mulher batalhadora, lavradora e possui 57 anos de idade. Foi a primeira a ser entrevistada no dia 05 de junho de 2022. A casa, em que, aliás, moramos nela por um longo período de minha infância, é velha, com piso grosso, gramíneas ao redor da moradia, um pequeno pomar, com algumas frutíferas.

Para gravar o depoimento, e assim armazenar os dados em formato de audição, para posterior análise, foi feito o uso da ferramenta tecnológica do celular, por meio de dispositivo de armazenamento de áudio. Como parte da vivência, nos dirigimos diretamente para o cerrado, percorremos uma área em que vimos que a mata estava muito densa e, com auxílio do facão, tivemos que cortar alguns galhos enquanto tentávamos nos desviar de obstáculos. Ela se demonstrava bem alegre, e o rosto em dado momento ficou meio espantado por ter achado um velame branco neste dia. Ao mesmo tempo falava sobre os familiares que moram nesta região.

Depois, ela entrou em detalhes sobre essa planta que diz ser muito famosa - o Velame branco, (cujo nome científico é *Macrosiphonia velame*) - que recebe esse nome por dispor de folhas brancas dos dois lados, sendo fácil de reconhecer. Segundo ela, esta planta é cada vez mais rara na comunidade e agora só se acham alguns pés. Ela relatou que o pessoal da localidade utiliza bastante esta planta no trato medicinal, sendo que o chá é usado para afinar o sangue, sendo bom para combater o câncer. Ela relatou que esta planta existia em boa quantidade no tempo dos seus avós paternos, João da Cruz Rodrigues, descendente de negros escravizados e Leocádia Damacena Salles, e avós maternos, Pedro Alcides Szervinsk e Izabel Damacena Sales, e contou que sua falecida mãe, Marcelina Alcides Szervinsk, (minha avó), aprendeu o manejo medicinal com a mãe dela, Izabel, que, por sua vez, aprendeu com a mãe dela, Abadia Santiago, provavelmente na metade final do século XIX. É provável que Abadia Santiago tenha aprendido com a mãe, tias ou algum parente esse conhecimento popular.

Imagem 2: Colaboradora 1 mostrando o Velame branco no cerrado



Para a Colaboradora 1, esses saberes vêm dos mais antigos, por isso essa planta é a mais antiga que, em seu depoimento, ela conhece nessa região, e comentou que todas as pessoas da comunidade dizem que tomam do chá ou infusão feitos a partir dessa planta, e explicou, “mas tem que tomar a raiz dela”. Em certo momento da conversa foi bem incisiva: “eu não vou arrancar, porque só tem dois pezinhos viu! para ver se rende, a flor dela até caiu, talvez alguma coisa passou nela, mas eu quero que rende a planta por isso que eu não vou tirá-la da raiz. Mas a gente toma é a raiz desta planta”. Estas suas palavras revelam também o cuidado e o zelo para com as plantas do cerrado, a partir de uma lição, e ao mesmo tempo, uma ligação muito bonita de que, para aqueles que fazem uso de sua vegetação, só retiram da natureza o necessário e suficiente. A delicadeza da fala dela, em prol de esperar que os dois pezinhos primeiro cresçam e se multipliquem é reveladora dessa consciência ambiental inata. Assim, os povos do cerrado compartilham um sentimento natural de preservação do meio-ambiente anterior a toda essa política de sustentabilidade, pois sempre compreenderam que a convivência com a natureza deve ser harmônica e integrada.

Ela continuou explicando que a branquinha ou velame do campo é utilizada para limpar o fígado, também tomado para a cura da lepra (nome popular), mas agora

conhecida como hanseníase. Relatou ainda que o pessoal da região usava as propriedades medicinais dessa planta muito antes dos remédios com substâncias químicas.

A Colaboradora 1 também relatou que se faz uma garrafada com as raízes de velame branco (*Macrosiphonia velame*), de japecanga (*Smilax* sp.), de manacá (*Spiranthera odoratissima*), bureré (*Brosimum gaudichaudii*), de pé de perdiz (*Croton antisiphiliticus* Mart), de douradinha (*Waltheria douradinha* A. St. -Hil), juntamente com a entre-casca de jatobá (*Hymenaea courbaril*), a entre casca de ipê roxo ou o ipê roxo do campo (*Handroanthus impetiginosus*) e a batata do algodãozinho do campo (*Cochlospermum regium*). O processo de preparo é o seguinte: ferver tudo junto. Após esse cozimento, tomar uma colher de sopa duas vezes ao dia. É indicado para limpar o útero e para quem tem dificuldade de engravidar. Ela garante que isso resolve mesmo e traz muito benefício para a saúde da mulher.

Já a jalapa ou jalapinha do campo (*Mandevilla illustris*), explicou, é uma planta nativa do cerrado, que também é encontrada em grande quantidade no Parque Nacional do Jalapão. Inclusive, fomos conhecer, em família, esse grandioso parque ecológico no estado do Tocantins, unidade federativa que um dia pertenceu ao Estado de Goiás. Apontou que sua batata é utilizada para combater prisão de ventre e constipação, e também possui propriedades que auxiliam no combate aos vermes. Como observação, concluiu que “não deve tomar demais”.

Imagem 3: Flor da jalapinha e batata da jalapinha; Colaboradora 1 preparando a infusão da jalapinha.





Arquivo pessoal

Colaborador 2

O segundo colaborador entrevistado, no dia 05 de junho de 2022, foi identificado como Colaborador 2, que tem 62 anos de idade. Também residente na comunidade rural de Montes Claros, é irmão da Colaboradora 1, portanto, meu tio. Assim como a irmã, aprendeu muito sobre os saberes medicinais das plantas do cerrado nessa localidade, com sua mãe falecida, Marcelina Alcides Szervinsk, e além disso, absorveu ensinamentos de outras suas tias-avós que também utilizavam esse conhecimento milenar. Falava da mãe e das tias com muito carinho, apresentando os conhecimentos que elas tinham repassado para ele e, com observação crítica, opinou que agora não se usam tanto mais desses aprendizados populares.

Ele me recebeu na comunidade Montes Claros bem despojado, trajando blusa verde e amarela, um short preto e os chinelos, sempre com o rosto alegre e radiante. Com sua permissão, coloquei o celular para gravar, e enquanto nos distanciamos da casa, foi nos conduzindo na direção do cerrado. A mata, a que nos deslocamos, já não era tão densa como noutros tempos, sua fisionomia era de uma mata mais limpa e rala. No caminho que percorremos, ele me mostrou algumas plantas medicinais, enquanto explicava suas propriedades terapêuticas, como: o assa-peixe (*Vernonia* sp.), que é o chá das folhas e flores serve para tratar doenças respiratórias, como gripe, bronquite, pneumonia e tosse, dores musculares, pulmões; e acrescentou que com

as flores as abelhas fazem mel, evidenciando, em sua fala, a própria partilha com a natureza, isto é, o funcionamento comunitário do ecossistema.

Já o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), outra planta que nos mostrou, pode ser utilizado para curar feridas no estômago, como é o caso da gastrite, úlcera e também pode ser utilizado para curar feridas na pele. Se souber fazer o pozinho, que se extrai dessa planta, pode usar uma pitadinha antes do café da manhã ou do almoço, no intervalo máximo de 15 em 15 dias, de uma dose para outra. Já a canela de velho (*Miconia albicans*), árvore de pequeno porte encontrada no cerrado, ele disse que é boa para curar dores nos ossos e articulações, e na dieta deve-se tomar um copo de chá, duas vezes ao dia, em infusão.

Imagem 4: Colaborador 2 preparando a infusão do assa-peixe



Colaboradora 3

A terceira colaboradora entrevistada, identificada por Colaboradora 3, com 38 anos de idade, à época, minha tia, por parte de pai. A entrevista ocorreu no dia 05 de junho de 2022, e conversamos no sítio de sua irmã, a próxima entrevistada. Cristiane, atualmente reside na cidade, é domiciliada na zona urbana de São João D' Aliança, todavia, possui uma casa na comunidade rural de Montes Claros, para onde se desloca geralmente aos finais de semana, mantendo uma vida entre as duas propriedades. Na data em que nos encontramos, ela trajava camiseta longa, na cor

marrom claro com pintas de onça, calça preta e botas marrom, segurando sua cachorra de estimação no colo.

Em nossa conversa, ela falou sobre a embaúba (*Cecropia* sp.), espécime de planta também conhecida em algumas regiões pelo nome de cacheta, por seu cacho ter o formato de capas que protegem seus frutos. É uma árvore de porte médio, encontrada em lugares sombreados e úmidos com folhas grandes e detalhadas. Contou que o chá produzido a partir das folhas é usado medicinalmente para aliviar dores nos rins, também funciona como diurético para combater inchaço, também pode ser tomada para aliviar problemas nas veias quando estão muito altas, auxilia ainda no controle da pressão arterial e é antisséptico no controle de bactérias. A Colaboradora 3, que tem conhecimento das propriedades medicinais, informou que é uma planta que possui propriedades cardiotônicas, vasodilatadoras, anti-inflamatórias, analgésicas e cicatrizantes. As sementes da embaúba, que se confundem com suas flores, são usadas para evitar problemas no coração e também no controle da diabetes. Quanto ao modo de preparo medicinal, sua infusão deve ser feita em água fervente, em que é preciso deixar em descanso por cerca de dez minutos. Após esse processo, o recomendado é tomar uma xícara três vezes ao dia. Tanto as folhas quanto as sementes dessa planta podem ser manipuladas, por sua vez, nesse processo, é preciso secá-las em lugar sombreado para não perder as propriedades medicinais.

A Colaboradora 3 contou-nos um fato da sabedoria popular, no qual as pessoas mais antigas diziam que quando avistavam uma árvore de embaúba sabiam naturalmente que tinha água por perto, isto é, uma árvore como esta é sinal de que veios aquíferos transcorrem em seu derredor. Essa árvore sempre fornece flores e frutos durante o ano todo, mas a predominância em seu florescimento ocorre entre agosto e novembro.

Por sua riqueza nutricional no combate às doenças, ela conta que a população da localidade faz um uso constante dessa planta como preventivo em prol da saúde e, assim como os entrevistados anteriores, reitera que tais conhecimentos foram repassados de pai para filho, numa transmissão genealógica muito significativa que está de acordo com a cultura e os costumes dessa região. E revelou, por último, sentir-se muito feliz com isso, pois acredita que as ervas medicinais têm um grande poder curativo.

Imagem 5 : Colaboradora 3; Árvore Embaúba.



Arquivo pessoal

Colaboradora 4

A quarta entrevistada, identificada como Colaboradora 4, na ocasião tinha 40 anos de idade. Além de tia paterna, é também minha madrinha de batismo. A entrevista ocorreu no dia 05 de junho de 2022. Reside com os filhos na comunidade rural, e sua casa trata-se de uma estrutura feita com tijolos, revestida por telhado de brasilite e comporta um quintal povoado de galinhas e um pomar com várias frutíferas. Trajando camiseta verde, calça cinza e chinelos, em nosso diálogo, ela falou sobre propriedades medicinais em relação a árvore do pequizeiro (*Caryocar brasiliense* ou *Caryocar cuneatum* Wittm), e ressaltou que aprendeu o uso curativo a partir do conhecimento que sua finada mãe a repassou, que por sua vez aprendeu com sua avó. Também comenta que adquiriu mais conhecimento sobre o tema com sua prima. Essa planta serve tanto como alimento, como também remédio.

O uso medicinal das folhas dessa árvore é ótimo para expelir pedra nos rins. A parte retirada da entre-casca é utilizada para combater tosse e bronquite. Já o fruto, que floresce no mês de setembro, tem substâncias apropriadas para fortificar, sendo recomendado seu uso em pessoas que sofrem de fraqueza, com a finalidade de obter proveitosa reabilitação. A Colaboradora 4 também explicou que a planta possui propriedades que combatem a insônia e, nesse sentido, é bastante adequado o uso terapêutico para quem tem dificuldade de dormir. E não deixou de comentar que é

excelente consumir a fruta, o famoso prato de pequi, geralmente praticado na culinária goiana, cozido sozinho, ou junto com arroz, ou marinado no frango caipira.

Imagem 6 : Colaboradora 4; Árvore Pequizeiro.



Arquivo pessoal

Colaboradora 5

A última pessoa que entrevistamos foi identificada como Colaboradora 5, uma senhora com 71 anos de idade na época do depoimento, que considero afetosamente como minha tia, por parte de minha tia-avó, Graciana, irmã de minha avó materna, Marcelina, ambas falecidas. Domingas é nascida e criada na comunidade rural de Montes Claros. Ela foi entrevistada no dia 22 de dezembro de 2024. Por um tipo de receio comum às pessoas mais velhas, não deixou que fizéssemos gravação de áudio, mas permitiu anotações de sua exposição, concordou em tirar uma foto.

Imagem 7 : Entrevistada Colaboradora 5; planta e raiz da Zedoária.



Arquivo pessoal

Conversamos no quintal de sua casa onde mantém uma hortinha, com algumas plantas comestíveis e outras medicinais. Na ocasião, ela vestia uma camiseta rosa claro, uma saia com detalhes e trazia óculos no rosto. Fiz algumas perguntas para ela sobre as plantas medicinais que ela cultiva ali, na chácara. Citou inicialmente o “cazú”, nome como é conhecido popularmente na região um remédio proveniente de uma planta de origem japonesa, em que o nome original é Zedoária (*Curcuma zedoaria*), muito semelhante ao açafrão, pois a batata cresce no interior da terra em forma de ramas que se alastram. Essa planta é usada como remédio para diversas doenças: dor no estômago, vômitos, diarreia, prisão de ventre e câncer de pulmão.

Uma curiosidade é que essa planta, diferentemente das originárias do cerrado, chegou recentemente na região, há mais ou menos uns trinta anos, a partir de um casal de japoneses que gerenciavam uma propriedade de cultivo de café nas proximidades de São João D’ Aliança; foi trazida para a comunidade de lá, por trabalhadores braçais da localidade, e se adaptou muito bem às terras do cerrado. O autor, Jucelino de Sales, aborda a importância das plantas medicinais para os moradores da comunidade, como eles utilizam.

Imagem 8: Planta e raiz da Zedoária; pó produzido artesanalmente da raiz.



Arquivo pessoal

Em seguida, citou as propriedades medicinais da babosa (*Aloe vera*), planta originária do norte da África e Oriente médio, mas muito popular no Brasil, da qual usa-se a polpa branca para curar azia, faz-se o melado dos cachos da planta para incidir na cura do câncer. Indicou que a pílula feita da polpa da babosa, extraída por meio de um processo artesanal, comporta substâncias proveitosas para operar na cura do desconforto estomacal e de doenças no fígado. Já a baba da babosa, extraída de seus cachos, age na cura de queimaduras na pele; também tem propriedades positivas no rejuvenescimento corporal, pois age contra as manchas na pele do rosto

e é adequada para combater o ressecamento do cabelo. Inclusive, nesse momento, em que me mostrava a babosa, ela exclamou: “Passa no seu, menina!”.

Posteriormente, abordou o hortelã da folha gorda (*Plectranthus amboinicus*), planta também conhecida como pimenta, nativa da Ásia Oriental, amplamente utilizada como tempero e também na medicina tradicional, com a qual faz-se melaço para curar bronquite, dor de garganta e acalmar o estômago. Por último, comentou sobre as propriedades medicinais do algodão (*Gossypium herbaceum* L.), em que o botão novinho quando espremido expõe um sumo que, depois de morno, coloca-se no ouvido para aliviar a dor nesse local do corpo. Já as folhas dessa planta são usadas para fazer vinho (ferve 20 folhas de algodão deixa esfriar, coloca uns 10ml de cachaça alambique para fazer melhor efeito, mais rápido, mas também pode tomar sem cachaça, o efeito é mais demorado), para auxiliar na cura de dores e de inflamações. Com suas sementes podem ser preparados doces, que agem como fortificantes, ideais para combater medicinalmente vermes. Observação: crianças, mulheres grávidas e lactantes não pode tomar 5 ml duas vezes ao dia.

A sabedoria popular medicinal dos cinco entrevistados, a partir de aprendizagens transmitidas ao longo de gerações familiares, que não apenas sobrevivem do ecossistema, e vão além, vivenciam as benfeitorias do cerrado em seus costumes, e em suas lidas em prol de experiências saudáveis, revela um sistema social comunitário, integrando pessoas e recursos naturais com intensa coletividade, uma verdadeira prática agroecológica, sem necessidade de qualquer intervenção do conhecimento escolar, instrutivo e/ou científico. Por isso, uma sabedoria milenar que precisa ser catalogada e conservada, antes que as práticas modernas e tecnológicas do século XXI apaguem as práticas naturais vivenciadas por esses guardiões.

Resultados

A importância do uso das plantas medicinais para os povos do Cerrado

De acordo com Rodrigues et al. (2012), um dos benefícios do uso fitoterápico de plantas medicinais, se refere à “revitalização do conhecimento popular/tradicional das comunidades sobre o uso medicinal das plantas medicinais” (p. 28), nesse sentido, compreende-se a importância desse uso na comunidade rural de Montes Claros, uma vez que seus moradores se apropriam essa sabedoria popular no enfrentamento de doenças que lhes acometem no cotidiano.

O livro já citado, **São João D'Aliança e seus caminhos**, aborda essa experiência tradicional entre as pessoas de comunidades rurais e sua relação com o Cerrado, mantida através de uma convivência secular. Uma das pessoas que o livro retrata como guardiã da cultura, é a dona Filipa (2009, p. 76), moradora na comunidade rural de Pontezinha (vizinha de Montes Claros), com quem mantenho parentesco, que é antiga parteira reconhecida na localidade (senhora que ajudou inúmeros nenéns vir ao mundo, em anos atrás quando essa prática ainda não era criminalizada (é que hoje não pode fazer mais estes partos sem um acompanhamento médico) e não havia outro recurso na região; dizem que ela fez mais de 100 partos à luz de candeia, pois, como dizem os relatos, a criança sempre cismava de nascer durante a noite).

O livro também traz um retrato gracioso de minha falecida avó, conhecida como dona Marcela, que residiu na comunidade de Montes Claros, convivendo comunitariamente junto com o Cerrado e, além disso, era rezadeira de “mão cheia”, e conhecedora de diversos remédios caseiros, com quem minha própria mãe adquiriu diversas aprendizagens.

Também é importante mencionar sua irmã, minha tia-avó, a finada Graciana Alcides Szervinsk, que sempre residiu na mesma comunidade e se tornou uma afamada benzedeira, com grande distinção na região e no entorno, vindo muitas pessoas se benzer com ela, a procurando para se tratar contra diversos males e complicações. Com suas palavras tocantes, ela recuperava a confiança das pessoas por meio de orações e rezas. Além disso, também recitava de cor punhado de versos de uma narrativa intitulada *Conto do papagaio* que leu num livro sem capa na adolescência e aninhou na memória, conforme registrado no livro **Vozes do Cerrado** (Faria, 2009, p. 79-104), e também já foi catireira, uma arte que geralmente é praticada por homens.

Vale destacar que o livro do poeta Kiko di Faria, é uma preciosidade que contém relatos de admiração, e torna-se um testemunho da cronologia da história do Cerrado brasileiro, especialmente do cerrado da Chapada dos Veadeiros, uma vez que fala de suas riquezas naturais e culturais, por meio de uma narrativa épica centrada nos moradores da comunidade rural de Montes Claros, relatando a genealogia de suas inúmeras famílias, de como elas convivem no cotidiano, o que praticam, como observam a biodiversidade desse bioma representativo do centro do país, como seus

moradores nativos convivem pacificamente com o ecossistema. Nesse sentido, retrata um amplo panorama da paisagem natural e cultural, a partir da descrição das histórias familiares que envolvem a saga de polonês, tratando-se de abundância cultural que pulsa no local.

Esse relato de experiência, em sua elaboração e aplicação, deve muito ao livro **Parque Colégio Agrícola de Brasília: uma abordagem transdisciplinar para o ensino, pesquisa e extensão**, pois corresponde a um material que em sua abrangência interdisciplinar, buscou a integração e a construção de novas formas de conhecimento que transcendem as fronteiras tradicionais. A lista de tabelas apresentada, em que retrata plantas medicinais do Cerrado (Evangelista et al., 2022, p. 105), serviu de inspiração e paralelo para o desenvolvimento desse trabalho, que recolheu na fala dos entrevistados uma diversidade de plantas medicinais, de uso atual e corriqueiro.

Assim, com admiração ao empenho das pesquisadoras para estudar o histórico do Parque Colégio Agrícola e partilhar suas explorações de abordagens, produtos e reflexões, com resultados e desfechos que visam uma partilha dos saberes da Agroecologia com o público geral, de maneira extensa e variada, planejando definir e publicar a relevância desse território firmado como uma unidade de conservação e de proteção ambiental do ecossistema do Cerrado, também espero que esse relato de experiência contribua tanto como um alerta sobre a necessidade de proteger todas as áreas de Cerrado ainda não invadidas por monoculturas, como também afirmação de sabedorias populares e conhecimento tradicional ainda em uso e de hábito cultural em nosso presente, vivenciado por comunidades rurais, que precisam de proteção para suas práticas socioculturais, como é o caso da comunidade rural de Montes Claros, em Água Fria de Goiás.

Como abordado no artigo, Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares (Maciel et al., 2002), seus autores afirmam que o conhecimento tradicional e os saberes ancestrais trazem mais engajamento para o conhecimento científico, o que dialoga com um dos objetivos traçados, em que buscamos refletir sobre a importância da prática secular da medicina tradicional. Assim, como o artigo debate, o hábito do preparo farmacêutico das plantas medicinais provenientes do próprio cerrado ou cultivadas em casa se converge em ideias ou alternativas culturalmente praticadas por indivíduos de áreas como as comunidades rurais, que

se apropriam da fauna e da flora através da agregação, que provém de um sistema muito abrangente de conhecimento ancestral sobre as riquezas naturais do cerrado, significativamente apropriados como recursos terapêuticos variados, a partir de parcerias que se dão de forma espontânea.

Neste contexto, é oportuno o alerta dos autores do artigo, Plantas medicinais: cura segura? Valdir F. Veiga Junior, Angelo C. Pinto e Maria Aparecida M. Maciel (2005), que

Cabe aos pesquisadores e à mídia, científica ou não, divulgarem os riscos a que estão expostos os consumidores que se automedicam com plantas medicinais ou fitoterápicos, sem o conhecimento necessário à sua utilização. Generalizando-se o uso seguro dos medicamentos vegetais, deve-se evitar longas terapias, já que o uso de medicação natural não significa ausência de efeitos colaterais ou tóxicos; evitar o uso associado de plantas medicinais com medicação alopata; deve-se adquirir o vegetal de fontes seguras (Veiga et al. 2005)

O uso de métodos tradicionais, conforme praticado e preservado por moradores da comunidade rural de Montes Claros, provém de uma sabedoria ancestral e do reconhecimento de que a capacidade dos conhecimentos tradicionais podem ser mais eficazes para combater determinadas doenças e preservar a saúde de forma que não afete o equilíbrio mental e físico.

O que leva ao questionamento do motivo pelo qual parte da comunidade científica mais conservadora substituir o conhecimento ancestral de povos tradicionais, uma vez que a medicina caseira pode contribuir beneficentemente e, muitas vezes, com eficácia para a saúde dos indivíduos, não afetando o organismo com medicamentos convencionais e, assim, em muitos casos, o uso típico tradicional das plantas medicinais pode aliviar as dores e até mesmo levar à cura, sem os riscos da ingestão de elementos químicos que podem ser prejudiciais a saúde, de acordo com a estrutura de organismos que não sejam intolerantes a remédios terapêuticos.

O processo de extração ou cultivo e preparação (desde a retirada à manipulação) das plantas medicinais do Cerrado, vem dos saberes mais antigos, portanto, da ancestralidade enraizada nos povos do Cerrado. Diante disso, nesse relato de experiência também objetivamos apontar como os saberes tradicionais são fundamentais para o discurso agroecológico. O curso de Agroecologia, enquanto

ciência que se desenvolve a partir de práticas sustentáveis e alinhada aos conhecimentos sensíveis e comunitários, tem muito a aprender com experiências como estas, enraizadas em comunidades rurais, ainda não completamente absorvidas pela vida urbana.

Nos depoimentos recolhidos, foi possível acompanhar como a produção terapêutica para uso doméstico apresenta viabilidade e qualidade para a promoção da saúde, a partir do trato medicinal com as plantas do Cerrado. Uma vez que é necessário conhecer quais partes da planta devem ser colhidas, também o processo de manuseio, e quais melhorias para a saúde cada espécie comporta, o trabalho de catalogação, que é um trabalho intelectual e científico que o curso de agroecologia vem promovendo como uma de suas ferramentas metodológicas, é relevante como proposta de elaboração de um mapeamento significativo não apenas sobre as propriedades medicinais, como também sobre convivências ecológicas sustentáveis praticadas pelos indivíduos dessas comunidades.

A partir do diálogo com os moradores da comunidade pesquisada, foi possível realizar um breve catálogo das plantas medicinais que os habitantes da comunidade rural de Montes Claros utilizam no cotidiano no combate contra doenças *que* disponibilizamos no anexo. Em que pôde-se aprender com os entrevistados, isto é, com os “guardiões da cultura”, sobre espécies de plantas, suas propriedades medicinais, o estágio para uso, suas ações e reações no organismo, ou melhor, os seus principais usos terapêuticos.

Como diz o livro **São João D’ Aliança e seus caminhos**, “são guardiões da cultura do Nordeste Goiano todos os moradores das comunidades tradicionais que ainda sobrevivem apesar da pressão cultural e das invasões de terras” (Barbosa; Martins, 2009, p. 76). Não é diferente com o pessoal da comunidade de Montes Claros que atua a partir de um vínculo de integração com o Cerrado, e que já se apropriou dessas práticas medicinais desde o conhecimento recebido dos mais antigos, e que impacta na forma de pensar o curso de agroecologia alinhado a esses modos de fazer milenares, em que pessoas geralmente sem ou com pouca instrução acadêmica, são guardiões de um aprendizado que já vem acontecendo espontaneamente por meio de hábitos tradicionais e familiares.

Assim, os ensinamentos agroecológicos nos ajudaram a entender a força significativa dessa sabedoria popular em torno das plantas medicinais que habita as práticas cotidianas dos residentes da comunidade rural de Montes Claros.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre iluminar o meu caminho, e as dificuldades que passei no decorrer dos meus estudos.

Agradeço a cada um dos meus familiares, especialmente minha mãe, por estar sempre ao meu lado, tanto nas horas mais difíceis, quanto nos momentos de alegria, a quem tenho um afeto enorme. Agradeço aos meus irmãos: Jucirene de Sales, Jucelino de Sales e Rafael de Sales.

Agradeço ao Instituto Federal de Brasília, campus de Planaltina, que me deu a oportunidade de realizar o curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, e também as bolsas de incentivo que possibilitaram a permanência no instituto ao longo de minha trajetória acadêmica.

Agradeço carinhosamente à minha orientadora, Paula Petracco, que aceitou me orientar no desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, e por sua parceria dentro do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, campus Planaltina.

Agradeço aos professores Paulo Guilherme Francisco Cabral e Rosana da Silva Pereira, que aceitaram o convite para integrarem a banca de avaliação, e realizarem a leitura do meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos seguintes professores, com quem convivi durante a trajetória acadêmica: Aldeir Braga Ferreira, Bruno Molero da Silva, Paula Petracco, Ilvan Medeiros Lustosa Junior, Etelvino Rocha Araújo, Jussara Fernanda Santos e Julia Eumira Gomes Neves Perini, Maria Dalva Trivellato, Jucelly Sheila Chaves, Hamilton Marcos Guedes, Luan da Silva Feitoza, José Raimundo Luduvico de Sousa, Eric Borges Ribeiro, Maycon Batista Leite, Vania Costa Pimentel, Elisa Pereira Bruziguessi, Heloisa Alves Sousa Falcão, Viviane Evangelista dos Santos Abreu, Paulo Guilherme Francisco Cabral, Paula Balduino de Melo, Vicente de Paulo Borges Virgolino da Silva, Diane Ivanise Fiamoncini, Alex Yoshinori Kawakami, Ivaldo de Sousa Moreira, Natália Adrielle Pereira de Sousa, Rosana da Silva Pereira, Joana de Oliveira Dias e Valdilene Chaves Furtado de Oliveira.

Agradeço aos meus colegas do curso de Agroecologia: Antonio Ivan de Oliveira, Danilo Braga Barbosa, Deyse de Carvalho Rodrigues Menso, Fernando Antonio Gonçalves de Deus, Juliana de Almeida Marques, Laura Maria Motta da Hora, Lara Maria da Silva, Maria Eduarda Rodrigues, Pedro Alberto Côrtes Silva Freitas, Raíssa Felipe Toledo Leite, Sheilly Layane Alves Lopes, Maxsuel da Silva, Alexandra do Nascimento Cetano, André Lopes Coutinho Caetano, Felipe Montenegro Fernandes, Tiago Reis dos Santos, Grasieli, Bruna da Silva Fontoura, Décio Bottechia Netto, Francisca Lopes de Araújo Sousa, Lucas da Silva Pootz, Rodrigo Mendonça de Moraes, Susan Wendy Davis Montalván, Laura Beatriz de Jesus Magalhaes e outros alunos que passaram por aqui.

Agradeço aos funcionários do Instituto Federal de Brasília, campus de Planaltina, pelo apoio administrativo e gentileza por tirarem minhas dúvidas. Agradeço a cada colaborador(a) deste trabalho, que me acolheu e aceitou dispor de seu tempo para me conceder em entrevista seus conhecimentos sobre a medicina caseira: Maria da Cruz Damacena, Domingas Damacena Sales, Eva Damacena Salles, Cristiane Damacena Salles e Paulino Damacena Sales.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ludmilla Moura de Souza; CASTRO, Antônio Alberto Jorge Farias; MACHADO, Ricardo Bomfim; NOGUEIRA, Cristiano de Campos; NETO, Mário Barroso Ramos; **Caracterização da fauna e flora do Cerrado**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235575728_Caracterizacao_da_fauna_e_flora_do_Cerrado2008>. Acesso em: 31 mai. 2025.

ANDRADE, Danieli Barbosa de; BRAGA, Gustavo Bastos. **Conexões on - line e off - line em vista alegre: análise das relações sociais de uma comunidade rural**. Extensão Rural, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.27, n.4, out./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2318179641617>>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ANDRADE, Fernanda Maria Coutinho de; CASALI, Vicente Wagner Dias. **Plantas medicinais e aromáticas: relação com o ambiente, colheita e metabolismo secundário**. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/texto%20completo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/texto%20completo%20(2).pdf) 1999>. Acesso em: 28 dez. 2024.

BARBOSA, Guilherme Alves; MARTINS, Leila Chalub (orgs.). **São João d' Aliança e seus caminhos**. Brasília: Cartaz, 2009.

FARIA, Kiko di. **Vozes do Cerrado**. Brasília: Cartaz, 2009.

JUNIOR, Valdir F. Veiga; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. **Plantas medicinais: cura segura?** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/qn/a/CHhqMPvgfDyKcv9XD3HSBsc/?format=html&lang=pt>> . Acesso em: 17 mai. 2025.

MACIEL, Maria Aparecida M.; PINTO, Angelo C.; JUNIOR, Valdir F. Veiga; **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/qn/a/tgsYhzfzBs3pDLQ5MtTnw9c/>> . Acesso em: 13 mai. 2025.

MARTINS, Leila Chalub. **Memória e meio ambiente: a experiência com as mulheres das águas**. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br>>. Acesso em: 24 mai. 2025.

MOREIRA, Gardjany da Costa. Instituto Federal Goiano **Plantas medicinais do cerrado utilizadas pela comunidade quilombola Mimbó, Amarante, Piauí**. Dissertação (Mestrado em Conservação e Recursos Naturais do Cerrado) -- Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí, 2023. Disponível em: <https://sistemas.ifgoiano.edu.br/sgcursos/uploads/anexos_8/2023-09-25-09-53-14Disserta%C3%A7%C3%A3o_Gardjany%20da%20Costa%20Moreira.pdf>.

Acesso em: 28 mai. 2025.

PETRACCO, Paula; BRUZIGUESSI, Elisa; DELGADO, Marina Neves (orgs.). **Parque Colégio Agrícola de Brasília: uma abordagem transdisciplinar para o ensino, pesquisa e extensão**. Brasília: Editora IFB, 2022. 1 E-book: 286p. : il. ; PDF.

RODRIGUES, Angelo Giovani; SIMONI, Carmen de; MACHADO, Guilherme Nabuco. **As plantas medicinais e fitoterapia no contexto da atenção básica/Estratégia Saúde da Família**. Em: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2025.

SALES, Jucelino de. **Tessituras de memórias no interior de Goiás: a saga do polonês Antonio Rebendoleng Szervinsk [des]fiada no tear do imaginário**. 2014. 250 f, il. Dissertação (Mestrado em Literatura). Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16634>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

SILVA, Martiniano José da. **Quilombos do Brasil Central: séculos XVIII e XIX (1719 - 1888)**. Introdução ao estudo da escravidão. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SILVA_Martiniano_Jos_da-1998.pdf.

Acesso em: 23 mai. 2025.

APÊNDICE

Quadro 1: Lista de plantas medicinais catalogadas nas entrevistas

Espécie	Nome popular	Família	Hábito
<i>Croton campestris</i> A. St-Hill	Velame do campo	Euphorbiaceae	Erva
<i>Macrosiphonia velame</i>	Velame branco	Apocynaceae	Erva
<i>Smilax fluminensis</i> Steud	Japecanga	Smilacaceae	Erva / Trepadeira
<i>Spiranthera odoratissima</i>	Manacá	Rutaceae	Arbusto/ Árvore
<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Bureré	Moraceae	Arbusto/ Árvore
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart	Pé de perdiz	Euphorbiaceae	Erva
<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil	Douradinha	Sterculiaceae	Erva
<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	Fabaceae	Árvore
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê roxo	Bignoniaceae	Árvore
<i>Cochlospermum regium</i>	Algodãozinho do campo	Bixaceae	Erva/ Subarbusto
<i>Mandevilla illustris</i>	Jalapinha	Convolvulaceae	Erva

<i>Vernonanthura polyanthes</i>	Assa-peixe	Asteraceae	Arbusto
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	Fabaceae	Árvore
<i>Miconia albicans</i>	Canela de velho	Melastomataceae	Arbusto/Árvore
<i>Cecropia pachystachya</i>	Embaúba	Urticaceae	Árvore
<i>Caryocar brasiliense</i>	Pequi	Caryocaraceae	Árvore
<i>Curcuma zedoaria</i>	Zedoária	Zingiberaceae	Erva
<i>Aloe vera</i>	Babosa	Asphodelaceae	Erva
<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã da folha gorda	Lamiaceae	Erva
<i>Gossypium hirsutum</i> L	Algodão	Malvaceae	Arbusto / Subarbusto

Documento Digitalizado Público

TCC_Final_Adrielly_Damacena

Assunto: TCC_Final_Adrielly_Damacena
Assinado por: Edimilson Caldas
Tipo do Documento: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Edimilson de Sousa Caldas**, ASSISTENTE DE ALUNO, em 07/08/2025 10:53:05.

Este documento foi armazenado no SUAP em 07/08/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 736580

Código de Autenticação: a994549717

